

1. INTRODUÇÃO

O Fundo Monetário Internacional - FMI anunciou que, apesar de o crescimento mundial estar próximo à máxima, ele está desacelerando mais rapidamente que o esperado, o que é comum na economia. Porém, pode sinalizar que o momento de recessão poderá chegar antes do esperado.

A disputa entre EUA e China, que parecia estar próxima do fim, sofreu um revés, já que os EUA querem poder sobretaxar produtos caso os acordos não sejam cumpridos; a China vê esse movimento como uma tentativa de boicote futuro por parte dos americanos.

A Europa pode ser a próxima vítima dessas guerras comerciais norte-americanas, pois considera que as barreiras não-tarifárias da

União Europeia são anticientíficas e protecionistas e, desse modo, passada a discussão com a China, seria a vez dos europeus sentarem à mesa de negociação.

A América Latina melhorou sua situação fiscal, mas mesmo assim a dívida pública na região cresceu, mostrando que os países estão reduzindo os gastos, mas que ainda precisam de um crescimento mais robusto para que a economia retome a um estado favorável.

O Brasil avança nas discussões das reformas, detalhando a proposta inicial. Também houve uma reunião entre os presidentes de EUA e Brasil e um dos assuntos discutidos foi o comércio entre os dois, principalmente na agricultura.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Os governos americano e chinês fizeram um acordo no qual os chineses aceitaram não utilizar a desvalorização do Yuan como ferramenta para fortalecer exportações, o que enfraqueceria a ideia do governo norte-americano em reduzir os déficits comerciais com a China.

O Federal Reserve (FED), que estabelece as políticas monetárias americanas, analisou dados de rendimento, que mostram que estes estão se reduzindo, podendo sinalizar uma recessão. Com isso, ele pode ter que cortar juros em breve, para evitar que os EUA entrem em crise.

Analistas dizem que essas informações podem estar superestimando esses dados, pois o mercado de ações segue aquecido, mas um corte de juros nos EUA é bom para o Brasil.

Foram criados 20.000 novos postos de trabalho em fevereiro nos EUA, o pior resultado desde setembro de 2017 e muito abaixo da expectativa de 181.000. Os salários seguem em crescimento, mostrando que o desemprego está muito baixo no país, em 3,8%.

O dólar após as quedas, ficou estável, na espera dos investidores para maiores informações sobre uma nova mudança na taxa de juros, o que não deve ocorrer tão cedo.

A economia europeia apresenta muitos riscos, pois os dados de crescimento da principal economia da região, a Alemanha, está próxima da estagnação e ainda há o problema

das ameaças de Trump em impor mais tarifas de importação a produtos europeus, que podem afetar ainda mais a economia alemã pela redução da venda de carros para os EUA.

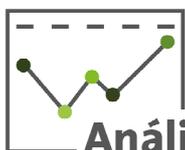
O Parlamento Europeu aprovou um acordo para adiar o Brexit, mas esse acordo depende de o próprio Reino Unido decidir pelo adiamento. Se esse fato puder reduzir o risco, as recentes decisões do Parlamento inglês mostram que se deve haver cautela e cuidado.

O crescimento da China pode sofrer bastante com a diminuição da economia europeia, pois esse continente é o principal importador de produtos chineses e isso é um péssimo sinal para o Brasil, uma vez que nosso principal parceiro comercial é a China.

A Índia cortou juros e afrouxou sua política monetária e deve cortar mais em breve, pois a inflação está muito próxima ao piso da meta inflacionária, de 2%, e a queda dos preços dos alimentos deve reduzi-la ainda mais.

O Banco do Japão prometeu, outra vez, estímulos econômicos, por risco de deflação. Se assim ocorrer, a importação de produtos primários do Brasil será facilitada, sendo uma boa perspectiva para o produtor de milho.

A economia da Malásia deve crescer 4,9% esse ano, mesmo com o primeiro trimestre mais morno. Como será visto a seguir, o preço do petróleo deve subir e, com isso, o preço de óleos vegetais, do qual a Malásia é importante exportador, deve seguir essa tendência de alta.



Macroeconomia

MARÇO DE 2019

A Colômbia, tradicionalmente tem sua moeda - o peso colombiano - valorizado, o que acaba afetando sua exportação, que deve diminuir com esse movimento, favorecendo o exportador nacional de café.

Já o México está sofrendo muito com a mudança de governo, ocorrendo uma grande perda de técnicos no governo, por demissões voluntárias. Com isso, o mercado não tem tanta confiança no novo governo e isso pode levar a uma perda de grau de investimento, que poderia atrair capitais para o Brasil.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 25 de março, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa reduzida para 2%, devido às dificuldades atuais do governo em pavimentar uma base forte para fazer a reforma da previdência, gerando incerteza no mercado.

Ainda segundo esse relatório, a inflação de 2019 está estimada em 3,89%, isto é, abaixo da meta de 4,25%. A expectativa de inflação foi aumentada pelo mesmo motivo de o PIB ter sido recalculado para baixo.

O dólar iniciou março cotado a R\$ 3,76 e esteve em declínio durante o mês, mas chegou ao final de março cotado a R\$ 3,96, pois aumentou a probabilidade de a reforma da previdência não ser bem sucedida, aumentando as incertezas e diminuindo a confiança na recuperação da economia brasileira, pois mesmo se o projeto for bem sucedido, a economia parece ser bem menor do que a pensada pelo governo, para um projeto que ainda não foi nem discutido pelo congresso e que pode ter sua eficácia ainda mais reduzida.

O Banco Central manteve as taxas de juros em 6,5% ao ano após a última reunião do Copom sob argumentação de que o ritmo de crescimento da economia está aquém do esperado e a inflação está, de acordo com as estimativas dentro dos limites de meta.

O desemprego de janeiro ficou em 12%, significando 12,7 milhões de desempregados, refletindo o movimento de demissões após as contratações temporárias, visto que janeiro é um mês tradicional para esse movimento. A agricultura foi o segundo setor que mais dispensou, com 192 mil vagas a menos, causada pelas demissões na cultura do café.

As exportações do agronegócio brasileiro em fevereiro foram de US\$7,2 bilhões, sendo

Os preços do petróleo se mantiveram estáveis, em US\$59 o barril, mesmo com os cortes na produção da OPEP e com a crise na Venezuela, o que deve afetar os próximos meses.

Os preços agrícolas seguem em alta, com grande crescimento após o acordo EUA-China. Assim, o índice da FAO de alimentos cresceu 1,7% em fevereiro, puxados pelos preços dos grãos, devido ao aquecimento de embarques de milho, e do leite, face ao aumento da demanda.

esse valor 15,6% acima da exportação de fevereiro de 2018. O complexo da soja foi o destaque, com exportações valoradas em US\$2,5 bilhões, com mais de 2 bilhões sendo exportação de soja em grãos.

A balança comercial brasileira teve no mês de fevereiro um superávit de 3,6 bilhões de reais, o que mostra a importância do agronegócio para o país. No primeiro bimestre, os principais compradores de nossos produtos foram China, com US\$ 8,6 bilhões; Estados Unidos, com US\$ 4,5 bilhões; Argentina, com US\$ 1,5 bilhão; Países Baixos, com US\$ 1,4 bilhão e; Panamá, com US\$ 1,4 bilhão.

Do acordo entre EUA e Brasil, tem-se uma liberação de exportação de trigo norte-americano sem pagar a tarifa, o que pode prejudicar os produtores brasileiros e argentinos. Outra parte do acordo que pode impactar a agropecuária nacional é a permissão de importação de carne suína, ainda em discussão segundo a ministra da Agricultura Tereza Cristina.

Um projeto importante para o setor e que deve ser votado em breve é o Plano Plurianual Rural, com medidas sobre crédito rural, comercialização, seguro rural, zoneamento agrícola, defesa sanitária animal e vegetal, cooperativas, agroindústrias, assistência técnica, e pesquisa agropecuária.

Como muitos estados brasileiros estão com problemas sérios de caixa, alguns deles estão aumentando a tributação sobre o agronegócio, que é um setor da economia que se destaca. Dessa maneira, aumentam o ICMS na produção e na exportação, ou mesmo na comercialização de agrotóxicos. Com isso, a lucratividade diminui e a competitividade do produto no exterior fica reduzida.